

Narrativas do Imaginário Tecnológico: *Black Mirror* e a curiosidade humana pela tecnologia¹

Taiana Loise Bubniak²
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Hertz Wendell de Camargo³
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo:

Este artigo realiza uma revisão sistemática de 27 trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) sobre a série *Black Mirror* (2011-2025) disponíveis na plataforma Sucupira. A pesquisa parte da hipótese de que, além dos aspectos técnicos e sociais, os autores revelam um envolvimento emocional e reflexivo em relação à tecnologia. Observa-se que a apropriação tecnológica contemporânea provoca rupturas no tecido social e desperta curiosidade pessoal. O estudo dialoga com autores como Bourdieu, Jenkins, Wolton e outros, visando compreender como o imaginário midiático influencia nossa relação cotidiana com a tecnologia.

Palavras-chave: Black Mirror; tecnologia; comunicação; tecido social; imaginário.

INTRODUÇÃO

A relação humana com a tecnologia é marcada por fascínio e inquietação, especialmente em um cenário de informatização crescente da vida cotidiana. A série *Black Mirror* (2011–2025) torna-se emblemática ao dramatizar os limites éticos, sociais e subjetivos da tecnocultura contemporânea. Sua popularidade e impacto indicam não apenas relevância midiática, mas também potencial como objeto de reflexão crítica sobre as transformações no tecido social. Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma revisão sistemática, 27 resumos de teses e dissertações disponíveis na Plataforma Sucupira que têm *Black Mirror* no título. Busca-se compreender como a série mobiliza o imaginário acadêmico, revelando preocupações com os efeitos da tecnologia nas relações humanas e nos campos sociais. Justifica-se este estudo pela necessidade de mapear o modo como a produção científica brasileira tem se debruçado

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 14 - Imaginário, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Jornalista, aluna da disciplina de Consumo Cultural e Midiático do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). E-mail: taianabub@gmail.com.

³ Doutor em Estudos da Linguagem, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). E-mail: hzwendell@gmail.com

sobre esse fenômeno cultural, revelando uma convergência entre discurso midiático, impacto social e investimento subjetivo dos pesquisadores.

A intrínseca relação humana com a tecnologia fica evidente em fenômenos culturais como a série *Black Mirror* (2011-2025)⁴, com sete temporadas e, ainda em 2025 reverbera e provoca altos índices de audiência, análises, subprodutos e pesquisas. Porém, *Black Mirror* também é perturbadora. As tecnologias e o uso social que é feito destas possibilidades técnicas são capazes de reconfigurar – e, por que não!? romper – profundamente o tecido social.

Aqui, esta expressão remonta à teoria do clássico Bordieu (1983), que organiza o xadrez da vida social a partir da inter-relação dos campos (econômico, artístico, científico, político, religioso, etc) onde os indivíduos e as instituições são estruturadas a partir de lutas e tensões específicas de cada campo, que tem suas próprias regras e rituais, mas que também sempre estão profundamente interligados. Essas tensões entre os campos sempre foram registradas e, em se tratando dos campos da comunicação, especificamente, a relação da comunicação, sociedade e tecnologia sempre foi motivo de curiosidade e interesse. Duas grandes obras literárias do século passado que marcaram suas gerações devido à capacidade de fazer pensar sobre a relação com a tecnologia: Admirável Mundo Novo (1932), de Aldous Huxley e a obra intitulada 1984 (1949), de George Orwell. Ambos são livros físicos, impressos.

Já neste século, a grande obra que estremece o pensamento com relação à tecnologia é uma série televisiva. A aparente “simples” mudança de formato para uma obra clássica, já é mais um óbvio motivo para compreender a relação humana com a tecnologia. Usaremos esse produto cultural de amplo alcance que foi a série *Black Mirror* para observar o fenômeno das tecnologias de comunicação a partir do seguinte recorte: a justificativa das teses e dissertações que levam no título o nome da série.

Entende-se que há um ponto em comum entre esses trabalhos, embora sejam oriundos de diversas áreas: uma preocupação com a ruptura do tecido social, com a crescente informatização da vida e com a evidente falta de traquejo da sociedade com essas ferramentas, pois, apesar de mais de décadas, ainda não superamos os integrados e apocalípticos de McLuhan.

4 Informações sobre o seriado disponíveis em <https://www.imdb.com/title/tt2085059/>

METODOLOGIA

A escolha por esse recorte se deu porque o programa televisivo lançou uma temporada recentemente e foi capaz de reacender as discussões sobre o tema. A pesquisa foi realizada utilizando o sistema de busca da Plataforma Sucupira, usando os filtros: anos de publicação (entre 2011 e 2023 – lançamento da série e última data disponível no sistema); tipo de documentos (teses e doutorados) e que constasse no título a expressão *Black Mirror*. O resultado apontou para uma listagem de 27 artigos, conforme figura no item anterior. A escolha da plataforma se deu por que é o espaço oficialmente legitimado pela CAPES.

CONCEITOS

Embora seja distópica, a série *Black Mirror* fascina e perturba justamente porque desnuda que a sociedade e a comunicação entre os indivíduos que a compõem sofrem diversas transformações de acordo com as tendências tecnológicas. A apropriação dessas ferramentas – como apontam Wolton (2003) e Lévy (1999) – é diversa em cada circunstância e a noção da transformação cultural que se deposita ali precisa ser minuciosamente estudada. Porque mudar a comunicação implica mudar a cultura e os hábitos. Tentar entender um recorte dessa realidade é essencial para compreensão do mundo, do cotidiano, das relações entre as pessoas, mercados, países e mídias. Em uma sociedade globalizada, informatizada, consumista e conectada; dominada por grandes corporações e multinacionais, países que adotam a economia-meme⁵ e decidem destinos depois de tuítes, vemos que a guerra de narrativas que perpassa a comunicação social ganha um status cada vez maior.

Essa nova sistemática e demanda gera uma ruptura no tecido social como estamos acostumados. Segundo Han (2015, p. 14), a sociedade disciplinar descrita por Foucault foi substituída por uma sociedade de desempenho, onde os indivíduos deixam de ser sujeitos da obediência para se tornarem empreendedores de si mesmos, regulados não mais por instituições fechadas, mas pela autoexploração e pela lógica da produtividade.

É o que vemos em *Black Mirror*. O desempenho e as capacidades técnicas criam, em geral, situações absurdas e perturbadoras que, embora não existam na vida

⁵ Expressão cunhada pelo autor Scott Galloway.

real... não são impossíveis de serem concretizadas. A ruptura e o absurdo está tão longe, lá na ficção... a ao mesmo tempo tão perto, tanto que a série ganhou até uma expressão popular: “isso é muito black mirror”, usada quando pretende-se citar casos reais que envolvem tecnologia e são tão absurdos que circulam na fronteira com a ficção.

Em *Black Mirror*, vemos, no esquema de episódios não-lineares sobre a mesma temática, que o uso das tecnologias de comunicação e informação é diverso e pode alterar profundamente os relacionamentos humanos e a nossa relação com estes campos que regem a vida em sociedade. Já são 33 episódios, em 7 temporadas.

Alcançar essa audiência e relevância só é possível no mundo da cultura da convergência, conforme descrita por Jenkins (2008) “como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (Jenkins, 2008, p. 28). Ver a ficção nos faz tentar entender esses fenômenos que nós mesmos enfrentamos.

Tratando especificamente dos estudos do imaginário, área que o artigo pretende se debruçar de forma mais complexa em sua versão estendida, podemos evocar as autoras que afirmam:

No entanto, as Ciências Sociais e Humanas carregam as marcas da aceleração do tempo que as tecnologias de comunicação impuseram. A complexificação dos problemas do campo tem recorrentemente suscitado a dúvida sobre a suficiência dos paradigmas vigentes” (Barros, Contrera, 2018, p.25)

As autoras ainda reiteram a profunda forma como os meio audiovisuais ligados à tecnologia tem transformado a experiência de viver na sociedade contemporânea. “O espetáculo ocupou em nossa sociedade o lugar do ritual, e manteve os corpos conectados apenas pelos canais audiovisuais. Manter os corpos à distância foi a mais perfeita estratégia da racionalidade tecnoinstrumental” (Barros, Contrera p. 30), defendem.

Essa lógica novamente nos leva a Bordieu: a relação entre os diversos campos, que antes se dava por meio de suas próprias regras e espaços, agora está sendo repercutido sempre por meio de espetáculos midiáticos, o que acaba homogeneizando os campos e mudando o sentido das relações humanas. Se é fenômeno cultural, o produto “respinga” na vida acadêmica. Entre 2011 e 2024, foram 27 trabalhos acadêmicos, entre

teses e dissertações, publicados na Plataforma Sucupira, da Secretaria Nacional de Pós-Graduação (SNPG), que levam no título o nome da série.

O que motivou essas pesquisas? Os pesquisadores evidenciam essa ruptura do tecido social ao avaliar a obra que já marcou a geração?

ANÁLISE

A leitura dos 27 resumos aponta que é possível afirmar que quem pesquisa *Black Mirror* também cita a desfragmentação do tecido social e a necessidade de avaliar os novos paradigmas oriundos dessa sociedade tecida pelos meios de comunicação e informação digitais, programas de computador que buscam status de inteligência artificial e criações massivas de produtos culturais baseados em algoritmos e repositório de informações processadas. Certa preocupação pessoal mantém-se presente, como no trecho do trabalho de Felicio (2018): “refletir acerca de temas como sociedade do espetáculo, subjetivação, rostificação, desejo, identidade e agenciamento social, em um contexto onde cérebros eletrônicos pensam por pessoas, desindividualizando-as”.

O “fenômeno cultural carregado de sentidos políticos” (Parmindo, 2021) que é a revolução tecnológica digital nos faz ir e voltar entre tendências como se fosse possível viajar pelo tempo, como no episódio *San Junipero* (2016). Uma observação pertinente não escapa às primeiras linhas do trabalho de Costa (2022) ao afirmar que as instituições centrais do capitalismo, como Estado, mídia e família, exercem poder discursivo que fragmenta identidades e ajusta percepções individuais à lógica de manutenção do sistema.

Este conceito está de forma profunda e humana ligado à justificativa que apresenta Silva (2020): “a vida na Esfera Digital descamba num contexto de absolutização das subjetividades e de uma consequente desnarrativização da vida”. Embora analisando fenômenos culturais é impossível não dissociar-se deste atual estado das coisas: “em especial pela admissão de estarmos vivenciando o processo de midiaticização, em que a relação mídia e cotidiano nos parece estruturante do tecido social” (Scarcello, 2021).

A leitura dos resumos dos trabalhos traz o aspecto de preocupação e de noção de autoimersão nessa realidade midiática. E como estudar esses fenômenos tão presentes e ainda tão misturas e intrínsecos ao nosso cotidiano? Há forma de separar-se deste objeto

a fim de entendê-lo completamente? Cardoso (2020), de pronto, afirma: “novas formas de relações de poder configuram-se a partir do uso massivo de aparelhos tecnológicos digitais, como celulares e computadores” e trazemos Curvel (2020) em suas linhas iniciais nos diz que a “ubiquidade tecnológica como viés transformador no campo social”.

CONCLUSÃO

A análise dos resumos de teses e dissertações que têm *Black Mirror* como objeto central revela não apenas o interesse acadêmico pela série, mas também uma inquietação coletiva diante das transformações sociotécnicas em curso. As obras analisadas refletem uma tentativa de compreender como o imaginário contemporâneo, atravessado pela onipresença da tecnologia, impacta as formas de vida, de subjetivação e de organização social. A série, ao dramatizar possíveis desdobramentos da relação entre humanos e tecnologias, atua como espelho distorcido (e por isso revelador) de uma sociedade em transição, onde o espetáculo substitui o ritual e a racionalidade técnica reconfigura as relações simbólicas e afetivas. A ruptura do tecido social, recorrente nas justificativas dos trabalhos analisados, aponta para um mal-estar difuso diante de um mundo hiperconectado, mediado por algoritmos, performance e vigilância. Ao convocar o imaginário para narrar os excessos e limites da tecnocultura, *Black Mirror* torna-se uma ferramenta epistemológica potente para refletirmos não apenas sobre o que a tecnologia pode fazer conosco, mas sobre quem nos tornamos ao adotá-la sem questionamento. Em sua continuidade, este artigo pretende aprofundar a análise qualitativa dos enunciados presentes nas justificativas e conclusões desses trabalhos, a fim de identificar padrões afetivos, simbólicos e críticos que emergem da interface entre comunicação, tecnologia e imaginário.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Denize; BARROS, Ana Taís M. P.; CONTRERA, Malena; ROCHA, Rose de Melo. **Imag(em)inário** – Imagens e imaginário na comunicação. São Paulo: Editora Imaginalis / Página 42, 2018.

CONTRERA, Malena Segura. *Persistent impacts of mass culture on communication: the crisis of empathy and cognitive demotion*. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 44, n. 2, p.35-48, may/aug. 2021.

CONTRERA, Malena Segura. Imaginação e dimensão simbólica da imagem. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 15, n. 29, 2019.

BIANCO, N. D. Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 24, n. 2, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. 2ª ed. Lisboa: Presença, 1997.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.